
- **GRAMÁTICA E COGNIÇÃO ESTUDOS EM LINGUÍSTICA SÓCIO COGNITIVA**

Coordenador(a): Adrete Grenfell

Estudos de fatos gramaticais, tais como preposições, locuções prepositivas e conjunções à luz da Lingüística.

A METÁFORA DO CONDUTO NA CRÍTICA DE CINEMA: O QUE O BONEQUINHO NÃO VIU.

Luciano Carvalho do Nascimento (UFRJ)

É senso bastante comum que a comunicação deve ser perfeita se os interlocutores conhecem o mesmo código. Acredita-se que o significado está pronto, acabado, dentro das palavras, e não na interação entre os comunicantes. É a concepção da comunicação via metáfora do conduto, primeiramente teorizada por Michael J. Reddy em artigo publicado em 1979. O texto dissecou nossa maneira de ver a linguagem e de falar sobre ela, e mostra quão equívoca é essa maneira. Entretanto pode-se estender os limites dessa interpretação. E o terreno é fértil. Testar como essa crença se manifesta, na prática, é, neste trabalho, o foco do interesse. Parte-se, então, dos textos da crítica de cinema da seção “O bonequinho viu”, do jornal O Globo. Uma observação atenta mostrou que, nos outros jornais, o que se vê são sinopses dos filmes, ao contrário d’O bonequinho. Ele comenta, se posiciona, opina, critica as obras, mensagens emitidas por um alguém, a outrem. E, por isso, ali está, em essência, a metáfora do conduto. O trabalho visa a descobrir algo absolutamente interessante: o que “O bonequinho” vê, o que fala disso, e como. Visa, principalmente, a entender o que ele não vê, mas faz.

MATCHING E A VARIAÇÃO ENTRE FUTURO DO PRETÉRITO E PRETÉRITO IMPERFEITO

Natália de Castro Guerreiro (UFRJ)

A chamada Teoria dos Espaços Mentais, desenvolvida pioneiramente por Fauconnier (1985), surgiu como uma alternativa a problemas clássicos de referência, assumindo a existência de

espaços locais e efêmeros - os espaços mentais - que funcionam como contêineres para o processamento da informação que é requisitada no ato comunicativo. O autor postula a existência do espaço de localização original do falante - o espaço-base - e investiga, através das noções de Foco e Ponto de Vista, os diferentes posicionamentos deste relativamente ao restante da informação ativada, que vem por sua vez compartimentada em outros espaços (o texto como uma rede de espaços mentais; Coulson 2003). Desse modo, a Teoria de Fauconnier irá permitir que se vislumbrem novos caminhos no estudo da Dêixis. Seguindo essa intuição, e partindo da metáfora clássica Tempo é Espaço (Lakoff & Johnson 1980, dentre outros), Gerhardt (2002) analisa os usos do presente do indicativo no português brasileiro contemporâneo com base na Teoria dos Espaços Mentais. Na esteira desse trabalho, pretendemos investigar os usos aparentemente “intercambiáveis” do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito no português, trabalhando especificamente a hipótese de que existe uma relação entre tempo verbal e o processo cognitivo de matching (Fauconnier 1997), de maneira a evidenciar que as diferentes formas verbais ativam processos imaginativos distintos (“the backstage cognition”, segundo Fauconnier & Turner 2002), o que poderá então explicar as especializações no uso de cada um desses tempos verbais.

0 PADRÃO X-O / X-A: FORMAÇÃO DE PALAVRAS SOB UMA PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL

Mauro José Rocha do Nascimento (UFRJ)

O padrão X-o / X-a, exemplificado pelos vocábulos barco/barca ou mato/mata, é razoavelmente produtivo no português. Entretanto, um problema inerente a esse padrão ainda se encontra sem solução: num modelo composicional, no qual o significado do todo é igual à soma dos significados das partes, como explicar a diferença de significado entre os pares do tipo barco/barca, se o radical é o mesmo e a vogal temática é isenta de significado (o que, aliás, faz com que se duvide do seu status de morfema)? Outra questão que se coloca é em relação a qual domínio dos processos morfológicos esse padrão se encaixa: é um caso de flexão ou de derivação? Este trabalho tem como objetivo discutir essas questões, partindo de descrições anteriores, como a de Câmara Jr., e apresentar propostas de solução, utilizando como referencial teórico os critérios de diferenciação entre flexão e derivação (Gonçalves, 2003) e a teoria do continuum flexão/derivação (Bybee, 1985 e Gonçalves, 2003). Por fim, objetiva-se relacionar esses conceitos à teoria construcional da Linguística Sócio-Cognitivista (Goldberg, 1993), analisando o par X-o / X-a como um padrão predominantemente derivacional de base construcional.

ORGANIZAÇÃO COGNITIVA, CONETORES E CONEXÕES

Adrete Grenfell (UFES)

De acordo com LANGACKER (1987, 1991), o que determina fundamentalmente a natureza das classes gramaticais é o seu perfil nominal ou relacional, sendo o primeiro identificado com algo que designa uma coisa ou uma função como pólo semântico de um nome, ao passo que o segundo identifica-se por instaurar um relacionamento processual entre partes. No primeiro caso, isto é, entre as expressões nominais, acham-se os nomes e os pronomes, por exemplo, ao passo que, entre as expressões relacionais, acham-se os verbos, que se hão de distinguir pelo fato de designarem um processo ou uma relação atemporal.

Conforme LANGACKER (1991), o modo como pensamos assemelha-se ao modelo de uma bola de bilhar, cuja organização reúne noções de espaço, tempo, substância material e energia. A substância material, isto é, os objetos físicos (os nomes) e as interações energéticas (os verbos) situam-se em pólos opostos um em relação ao outro, e são eles os que refletem os aspectos mais fundamentais da organização cognitiva humana. O espaço e o tempo juntos é que vão fornecer

o conjunto multidimensional, no interior do qual os objetos e as interações energéticas manifestam-se. Nesse âmbito, os objetos são pensados como sendo manifestados primeiramente no espaço.

Para o trabalho serão tomadas as noções de Figura e de Fundo, oriundas da psicologia e relacionadas aos fatos de linguagem, com vistas ao acréscimo de informações sobre a língua em uso. Estas noções estão claramente associadas aos papéis de Marco e Vetor propostos por LANGACKER (1987) e que serão aprofundadas nesta exposição, O intuito é o de desenvolver raciocínios sobre os modos de estabelecimento de conexões na língua, naturalmente sob a ótica da Lingüística Cognitiva.

SOBRE SIGNIFICADO E GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES: UM CASO DE POLISSEMIA CONSTRUCIONAL

Diogo Pinheiro (UFRJ)

Com seu livro *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*, Goldberg (1995) inaugura o estudo sistemático das construções gramaticais sem qualquer tipo de especificação lexical. Diferente das construções estudadas sobretudo por Charles Fillmore e Paul Kay (Fillmore & Kay 1999, Fillmore, Kay & O'Connor 1997, entre outros), os padrões investigados por Goldberg são aqueles cujo significado, em princípio, poderia mais facilmente se prestar a uma análise composicional - pertencendo, portanto, ao escopo clássico da chamada *core grammar* (construções ditransitivas, resultativas, etc). Os desdobramentos posteriores do modelo (Mandelblit 1997, por exemplo) e o crescente corpo de trabalhos que reafirmam a necessidade de se assumir a noção de construção gramatical, seja através de argumentos empíricos (Goldberg, a sair; Tomasello 2003), seja alegando vantagens teóricas (Goldberg & Jackendoff 2004, Goldberg 2002, entre outros), colocam de imediato uma questão para o pesquisador em Lingüística Cognitiva: se a construção gramatical veicula, de fato, um significado convencional, não computável composicionalmente, é de se esperar, como aliás antecipa Goldberg em seu trabalho seminal, que estas apresentem comportamento idêntico aos demais signos lingüísticos (palavras, morfemas, provérbios) no que diz respeito à polissemia. Nesta comunicação, aplicando tal premissa ao português, nós pretendemos: (1) advogar a existência da Construção Existencial Inacusativa (por ex: “Existe água em Marte”, “Brotou uma flor no meu jardim”, etc.) no português brasileiro contemporâneo, através de sua análise formal e semântico-pragmática; (2) representar conceptualmente o significado da construção, evidenciando o fato de que seu comportamento polissêmico é internamente estruturado; (3) como consequência, e recorrendo ao arsenal teórico da semântica cognitiva (em especial à base de conhecimento denominada “esquema imagético”), evidenciar a coerência interna da “família de construções inacusativas”, uma vez que tal coerência não é captada por outras propostas descritivas ou explicativas (cf. Mira Mateus et alii, 2003).

“QUANTO MAIS EM SEMÂNTICA COGNITIVA”: O USO DOS OPERADORES ESCALARES DE EPISTEMICIDADE NO PB

Patricia Teles Alvaro (UFRJ)

O presente trabalho visa a contemplar o processo de escalarização epistêmica (cf. Sweetser, 2000) como recurso de subjetificação (cf. Salomão, 1999) ativado pelo uso de operadores escalares (tratamento dado em Fillmore & Kay, 1977 para o caso da expressão idiomática “let alone”, em inglês).

Os operadores escalares promovem o re-enquadre de uma proposição 2 em termos do grau de possibilidade da realização de uma outra proposição 1, instaurando uma premissa de condicionalidade epistêmica.

Um grupo híbrido de palavra tais como “que dirá” (descrito como expressão idiomática), “quanto mais” e “imagine” (verbo) realizam-se como operadores escalares na construção

P1, OE P2

em sendo “P1”, a proposição 1 estabelecendo a condição maior ou menor para a realização da proposição 2 (P2) iluminada pelo operador escalar (OE). Com isso, a verdade de P2 está sendo reperspectivizada em função da possibilidade de realização de P1.

Esse processo de reenquadre epistêmico da realização de P2 se deflagra com uso do operador. Dessa forma, o estudo, por ora, apresentado, objetiva descrever os processos cognitivos da escalarização epistêmica ativados lingüisticamente pelos OEs.